

**O dilema da identidade profissional na memória do incentivo da auto-estima das prostitutas no Rio de Janeiro.**

Frederico Sidney Guimarães\*

**Resumo:**

Este trabalho objetiva analisar o conflito de identidade na memória do movimento das prostitutas no Rio de Janeiro. As prostitutas organizadas politicamente demonstram diversas formas de identificação com a questão da profissão. Há o conflito se a profissão em si, pelas próprias prostitutas, deva ser assumida e registrada ou camuflada. Desta forma, o movimento social das prostitutas precisa intermediar esses conflitos e enfrentar os estigmas referentes ao papel social da prostituição. Para desenvolvermos esse trabalho, utilizamos a metodologia da História Oral através da coleta de entrevista das lideranças políticas e das prostitutas que concentram suas atividades nas ONGs Davida e Fio da Alma. Também temos a oportunidade de analisar documentos disponíveis no Centro de Memória da ONG Davida.

Palavras chaves: Prostituição, Movimento Social, Memória

**Abstract**

This paper analyses the identity conflict on the Prostitutes Social Movement memory in the city of Rio de Janeiro. The prostitutes politically organized have developed different types of identification with their profession. It is possible to verify the conflict when the Professional Sex Worker needs to opine whether the official registration of this professional activity is good or not. It is important to the Prostitutes Social Movement to deal with this conflict and overcome the stigma against these sexual services. We use the Oral History methodology with a total of 10 interview with prostitutes that works on the Davida and Fio da Alma NGOs. There is also the support of written sources available in NGOs that was visited.

Keywords: Prostitution, Social Movement, Memory.

**Introdução**

Este trabalho objetiva analisar os conflitos da identidade profissional na memória do movimento em defesa dos direitos de cidadania e da auto-estima das prostitutas no Rio de Janeiro. As interpretações desenvolvidas na sociedade sobre as questões relacionadas à prostituição e sua identificação com as causas trabalhistas inserem-se nas formas de identificação que as próprias prostitutas desenvolvem. Torna-se necessária a análise dos padrões e dos valores sociais para contribuir no entendimento de como as tipificações criadas pela sociedade influenciam a identidade das prostitutas.

A organização das prostitutas no Rio de Janeiro começou a se desenvolver durante a década de 1980, no decorrer da conjuntura do final ditadura militar iniciada em 1964 e acompanhou o crescimento dos movimentos em defesa dos direitos civis, políticos e sociais.

---

\* Mestre em Memória Social – Colégio Estadual Itália

Durante esse período, percebemos uma divisão de parâmetros no entendimento sobre os objetivos do movimento em defesa das Profissionais do Sexo. As diferenças sobre os tipos de atividades sociais e suas finalidades foram notadas no surgimento dos grupos e discussões em defesa da questão da prostituição.

O dilema da identidade profissional é marcante dentro das ações defensoras da profissionalização da prostituição. Nosso entendimento pressupõe que as diversas influências de padrões e marcas sociais impostas na mentalidade das Profissionais do Sexo influenciam a memória e a identificação das características desse grupo de trabalhadoras.

Com base na metodologia da História Oral, foram realizadas dez entrevistas com as participantes dos movimentos em defesa da profissionalização da prostituição. A pesquisa contou com a contribuição das duas ONGs, Davida e Fio da Alma, que são responsáveis pela institucionalização do movimento. Ambas possuem como meta a conscientização do pertencimento da prostituição a uma categoria de trabalhadoras. No decorrer do texto, utilizamos trechos das entrevistas. A citação foi colocada entre parênteses no final de cada trecho e há uma lista das entrevistas no final do trabalho.

O desenvolvimento da pesquisa analisa documentos escritos disponíveis no Centro de Memória da ONG Davida, onde temos acesso a cartazes, panfletos, jornais, relatórios e cartas relativas ao desenvolvimento das atividades das ONGs e realizações de encontros e reuniões entre as lideranças ou participantes.

A utilização dos conceitos sobre a identidade social teve como parâmetros as noções de construção e enquadramento da memória e suas influências na organização de uma identidade grupal (POLLACK, 1992). Por outro lado, Aparecida Fonseca de Moraes nos auxiliou com as abordagens históricas sobre o surgimento do movimento organizado pelas prostitutas na década de 1980 (MORAES, 1992).

Desta forma, na primeira parte do trabalho, faremos uma abordagem inicial das influências presentes no movimento das prostitutas no Rio de Janeiro e de que maneira os fatos e questões levantadas determinaram os rumos dos grupos participantes.

Em seguida, demonstraremos, através de exposição de depoimentos, como algumas prostitutas se identificam com a causa trabalhista defendida pelo movimento do qual fazem parte. Nessa parte, estaremos trabalhando tanto os aspectos das identidades individuais como a ação do movimento organizado para configurar uma memória de lutas e conquistas.

Por fim, argüiremos sobre a utilidade desses conflitos presentes na identidade das prostitutas. Analisaremos, também, as maneiras como as instituições defensoras das Profissionais do Sexo procuram lidar com essas questões e condicionar a memória do

movimento para a valorização da opção pelo distanciamento dos preconceitos e estigmatizações.

### **O reconhecimento como Profissional**

O movimento de prostitutas em defesa das suas condições de vida e de trabalho no Rio de Janeiro surgiu na década de 1980. O processo que conduziu a conscientização política das participantes teve como incentivo dois fatores: a militância da prostituta Gabriela Leite e as investidas públicas sobre o local da Zona do Mangue<sup>1</sup>.

A atividade individual de Gabriela Leite é marcante na trajetória política das Profissionais do Sexo. Em São Paulo, iniciou sua militância contra os abusos da polícia no final da década de 1970 e, no Rio de Janeiro, ganhou notoriedade na mídia e nos movimentos políticos por ser uma das primeiras prostitutas a assumir publicamente sua condição profissional sem noção de culpa ou arrependimento na década de 1980.

A assunção desse tipo de identidade profissional contrasta com a atuação social praticada por alguns organismos em defesa das prostitutas. Durante o século XX, a Igreja Católica desenvolveu diversas iniciativas para interferir na qualidade de vida social e política, criando formas de mobilização envolvidas com as questões trabalhistas, indígenas e contrárias às injustiças sócio-econômicas relativas aos problemas relacionados ao gênero e a pobreza.

Essas atividades originaram as chamadas pastorais sociais, que tiveram grande importância política, principalmente nas décadas de 1970/80, por conta do incentivo à conscientização sobre os aspectos de mobilização e reivindicação sociais. Sobre esse aspecto, podemos encontrar textos que retratam mais essas ações católicas e suas relações com os assuntos sociais nos livros de Heloisa Martins Helena (MARTINS, 1994).

As idéias presentes nas ações das pastorais são adeptas do abolicionismo. **Este pensamento pressupõe** a necessidade de se criar condições favoráveis, tanto social como economicamente, para as mulheres não precisarem se prostituir para terem uma forma de sustento. Esse pensamento não considera outros fatores indutivos que mantêm a existência da prostituição, como os fetiches, vontades individuais, gosto dentre outros (MORAES, 1992).

Apesar da novidade em exigir o reconhecimento da condição de Profissional do Sexo, a mobilização iniciada por Gabriela Leite contou com a ajuda de algumas prostitutas

---

<sup>1</sup> Área próxima do centro do Rio de Janeiro com grande concentração das casas de prostituição. Esta região passou por várias tipos de interferência pública, desde o incentivo à organização de uma república (LEITE, 1992), até as investidas de final da década de 1980 para total remoção dessa

envolvidas na militância das pastorais sociais. As práticas de se organizarem em grupos, estruturar encontros e analisar suas realidades para planejar superação de adversidades fazem parte da metodologia de conscientização das pastorais.

A atenção para defesa da Profissional do Sexo, a adesão a essa causa por parte de algumas prostitutas e o apoio fornecido por diversos setores da sociedade, como intelectuais, políticos e artistas, formam grandes motivadores para a realização do I Encontro Nacional das Prostitutas em 1987 e a criação da associação das prostitutas na Vila Mimosa. (LEITE, 1992).

Esta associação foi organizada para defender os interesses da área de prostituição da Zona do Mangue, no Rio de Janeiro. Historicamente conhecida como uma área com concentração de estabelecimentos onde se ofereciam serviços das Profissionais do Sexo, a Vila Mimosa sofreu ameaças nos últimos anos da década de 1980 de sua total remoção e, por consequência, extinção.

Consideramos essa ameaça como mais um motivador do surgimento do movimento social das prostitutas. As discussões e polêmicas criadas pelas ações em defesa do espaço da prostituição, os ganhos obtidos nas negociações, e a cobertura favorável da mídia garantindo um reconhecimento amplo de suas organizações permitiram o crescimento do movimento local e a possibilidade de expandir as idéias de estruturação de uma movimentação política nacional em defesa das Profissionais do Sexo. Nesse caso, podemos citar como exemplo o crescimento da Rede Brasileira de Prostitutas, estruturada inicialmente no I Encontro Nacional de Prostitutas.

A identificação do movimento das prostitutas pela defesa da profissão ganha destaque quando houve debates sobre o posicionamento das atividades da Associação, pois havia as questões locais e comunitárias e as demandas relativas à melhoria da qualidade do trabalho e reconhecimento dos direitos trabalhistas. Esse debate caracterizou a separação do movimento em defesa das prostitutas e a concentração da associação da vila mimosa nos assuntos locais. (ENTREVISTA 1)

Desta forma, durante a década de 1990, surgiram as duas ONGs no Rio de Janeiro que organizam suas atividades em defesa da Profissional do Sexo: a ONG Davida, sob liderança da Gabriela Leite e a ONG Fio da Alma, sob liderança de Ivanilda Santos de Lima, que começou sua atuação política junto com Gabriela Leite no Instituto de Estudos da Religião (ISER) (ENTREVISTA 8).

Desta forma, houve cada vez mais o incentivo com a identidade profissional e a formação de uma memória capaz de reconhecer e justificar o caráter profissional da prostituição. A análise da questão identitária estará na próxima parte do trabalho, enfocando

principalmente os ganhos do movimento e os posicionamentos individuais de algumas profissionais entrevistadas.

### **Entre o orgulho da militância e o estigma da prostituição.**

A análise dos documentos e dos depoimentos nos permite perceber uma conscientização, entre as Profissionais do Sexo que trabalham nas ONGs, da importância social e do profissionalismo de suas atividades. Essas prostitutas estariam identificadas com a causa trabalhista e assumem seu serviço de sustento para o público. Nesse caso, consideramos a exposição feita pelas atividades organizadas pelas ONGs que chamam atenção da imprensa e da sociedade em geral.

Constata-se que há uma identidade de Profissionais do Sexo formada e sustentada pelo movimento social das prostitutas. Os fatores relacionados a esta identidade são verificados nas campanhas das ONGs e nas memórias de lutas e conquistas. Ressaltamos como exemplos o I Encontro Nacional das Prostitutas em 1987, os ganhos políticos alcançados, como o reconhecimento das Profissionais do Sexo no Código Brasileiro de Ocupações em 2008, as campanhas de prevenção de DST e AIDS e, na primeira década do século XXI, o lançamento da grife Daspu, que utiliza as Profissionais do Sexo como modelos de divulgação das roupas.

Esses fatores demonstram a importância das organizações na construção de uma identidade social das Profissionais do Sexo. O processo de reconhecimento da questão profissional está implícito com as atividades de auto-estima e de prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) exercida pelas ONGs. Por meio dessas medidas, é feita uma insistência com o amadurecimento da identidade da prostituta e da profissional, vejamos um exemplo:

*(...) Teve uma vacina aí da Hepatite, que ela tinha que dizer que era Profissional do Sexo. (...) aí a atendente falava pra mim: - olha qual é seu trabalho? Você trabalhava em que? - Ah, eu sou copeira. - Isso aqui não é pra você. Aí eu disse: não, eu sou prostituta. A vacina é pra mim. (...) (ENTREVISTA 8)*

Esse é um exemplo de como as atividades de prevenção e o reconhecimento da atenção necessária às prostitutas, por parte do Estado e da medicina, foram aproveitados pelo movimento social dessa categoria de trabalho na campanha de assunção da Profissional do Sexo. O discurso acima demonstra a importância desses pequenos exemplos na aceitação dessa identidade.

No depoimento seguinte, de uma militante, percebemos como a convivência no movimento organizado pode contribuir com a identidade profissional:

*Durante o processo de vir as reunião, é... vendo a situação de cidadania, vendo a situação que não era como elas imaginavam, entendeu? Se você entrar numa loja e ser discriminada, que nós tivemos um caso aqui numa menina, filha de uma Profissional do Sexo e assim, ela vindo aqui, ela também era prostituta, mãe, filha, filho... tudo é uma família de prostituta (ENTREVISTA 5)*

Entendemos, portanto, que há êxitos na construção de uma identidade positiva entre as prostitutas sobre sua profissão. Por outro lado, percebemos a permanência do estigma negativo dessa atividade quando as próprias militantes assumem a recusa com a possibilidade do registro oficial dessa atividade profissional.

*(...) aí vai botar lá que é aquele código lá... poxa não vai dar certo, você já imaginou, o preconceito, não é da gente. Você imagina, minha carteira tá assinada ali, aí eu vou por um acaso arrumar um emprego em outro lugar, amostrando minha carteira, tá lá, código de ocupação prostituta (...) (ENTREVISTA 5)*

Esses dois últimos trechos citados no trabalho fazem parte do mesmo depoimento, concedido no mesmo dia. Enquanto é reconhecida a existência de uma identificação direta com a necessidade de investir na auto-estima e na cidadania das meretrizes, podemos perceber também a preocupação com comumente depreciação desse tipo de atividade remunerada.

Torna-se necessária a atenção na própria justificativa da militante em reconhecer a problemática em assumir sua condição de Profissional do Sexo. O problema com a assunção dessa identidade estaria com a parte externa da categoria, “não é da gente”.

Essa negativa demonstra a influência marcante da memória de exclusão e preconceito presente no movimento social. Politicamente é aceito com orgulho suas atividades de militância e a própria profissão, porém a identificação do movimento com a questão profissional é um dilema presente entre suas próprias militantes.

São interessantes as diversas formas de reconhecimento positivo percebidas nos depoimentos. Há exemplo da aceitação da condição de estar exercendo um trabalho, porém sem a devida aceitação do registro profissional. O diálogo a seguir é sobre uma campanha organizada pelo governo federal em conjunto com as ONGs e contou com a distribuição de panfletos incentivando o fim do preconceito e o reconhecimento da profissão prostituta:

*FS – Como que você vê esse cartaz?*

*Maria – Como eu vejo? Ah, eu tenho eu acho bonito... você tem vergonha... você tem profissão...*

*FS – É... e porque se aposentar como prostituta não, nesse caso?*

*Maria – É... eu não sei... (chegou várias pessoas)*

*FS – Mas você mesmo, você mesmo como trabalhadora, você se vê como trabalhadora?*

*Maria – Como trabalhadora! (ENTREVISTA 4)*

Os ganhos relacionados à auto-estima das Profissionais do Sexo foram conquistados por diversas iniciativas não necessariamente voltadas para o tema específico da profissão. Isso demonstra que as ONGs reconhecem a necessidade de procurar meios alternativos para chamar atenção para a militância. Desta forma, reservamos para a parte final desse trabalho algumas observações a respeito desses dilemas de identidade e da forma que isso é remediado pelo movimento social das prostitutas.

### **Exigência pelo reconhecimento na política e na sociedade**

O foco das nossas análises se concentrou nas atividades das ONGs Davida e Fio da Alma. Desta forma, percebemos caminhos significativos pela conquista da melhoria da qualidade de vida das mulheres que trabalham na prostituição e do reconhecimento dessa profissão.

Percebemos, pelos depoimentos e nas visitas a essas instituições, que ambas se preocupam com os trâmites oficiais e legislativos para os ganhos políticos do movimento. Como exemplo dessa estratégia é o projeto de Lei n.º 98, de 2003, do Deputado Fernando Gabeira, sobre a descriminalização do lenocínio e pela exigência do pagamento dos serviços de natureza sexual.

Desta forma, constatamos a busca pelos ganhos na lei e na alteração dos estatutos legais da prostituição. Além das alterações legislativas, há uma preocupação na garantia do exercício da profissão nos ambientes públicos, principalmente as atividades contestatórias das repressões policiais e de regulamentação arbitrária pelos órgãos de segurança.

Na ONG Fio da Alma, há uma preocupação com a regulamentação da condição cidadã das mulheres, como o incentivo aos registros civis e encaminhamentos médicos. Por outro lado, percebemos, na ONG Davida, a construção de uma imagem positiva e alegre do exercício da prostituição, como os eventos “mulheres seresteiras” e “cabaré da vida”<sup>2</sup>, o lançamento da grife de roupas Daspu e a própria inversão do sentido negativo do termo “puta”.

Essas atividades garantiram os ganhos relacionados à auto-estima de algumas prostitutas e mantém o movimento em constante reconhecimento na sociedade, além de chamar a atenção e incentivar a chegada de novas militantes. Nota-se que o caminho

---

<sup>2</sup> Eventos lúdicos que conta com a apresentação musical das próprias prostitutas e peças teatrais que retratam o cotidiano da prostituição e a necessidade da prevenção das DSTs.

encontrado para reverter o problema da memória da exclusão dessa classe trabalhadora foi o convencimento da profissionalização da prostituição na sociedade, para com isso facilitar a convivência das prostitutas com sua identidade de trabalho.

### **Referências Bibliográficas**

BARBARÁ, Ana Marina. *As meninas da Daspu*. Rio de Janeiro, Novas Idéias, 2007.

LEITE, Gabriela. *Eu mulher da vida*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1992

LEITE, Juçara Luzia. *República do Manguê: controle policial e prostituição no Rio de Janeiro (1954 – 1974)*. São Caetano do Sul, Yendis, 2005.

MARTINS, Heloisa Helena T de Souza. *Igreja e Movimento Operário no ABC*. São Paulo – São Caetano do Sul: Hucitec, 1994

MORAES, Aparecida Fonseca. *Mulheres da Vila. Prostituição e identidade social: a experiência da Vila Mimosa*. Rio de Janeiro, UFRJ – IFCS, 1992 (dissertação de mestrado)

RIBEIRO, Miguel Ângelo. *Território e Prostituição na Metrópole Carioca*. São João de Meriti, Ed. Fluminense, 2002;

### **Entrevistas Realizadas**

Entrevista 1 – Ana Marina, entrevista realizada em 04/09/2006 – pesquisadora da ONG Davida

Entrevista 2 – Oflia Silva Leite (Gabriela), liderança do movimento, coordenadora da Rede Brasileira de Prostituta, presidente da ONG Davida - Entrevista realizada em 18/09/2006

Entrevista 3 – Rosa Antonia de Melo Martins – Prostituta e Multiplicadora da ONG Davida – entrevista realizada em 13/11/2006

Entrevista 4 – Maria da Silva dos Santos - Prostituta e Multiplicadora da ONG Davida – entrevista realizada em 13/11/2006

Entrevista 5 – Rita de Cássia – Prostituta, Multiplicadora e Secretária da ONG Fio da Alma – entrevista realizada em 09/03/2007

Entrevista 6 – Sandra Selma – Prostituta e Multiplicadora da ONG Fio da Alma – entrevista realizada em 09/03/2007

Entrevista 7 – Kátia Monteiro – Coordenadora dos projetos de prevenção da ONG Davida – entrevista realizada em 02/04/2007

Entrevista 8 – Ivanilda Santos de Lima – Prostituta e Presidente da ONG Fio da Alma – entrevista realizada em 15/06/2007.

Entrevista 9 – Maria José Lessa Granja – Arquivista do Centro de Memória da ONG Davida – entrevista realizada em 23/11/2007.

Entrevista 10 – Friederike Strack – Colaboradora e pesquisadora atuante na ONG Davida – entrevista realizada em 06/12/2007